

# **A CASA DE APOIO BRENDA LEE COMO CONTRAPODER E ESPAÇO DE CIDADANIA: ESTUDOS SOBRE A LUTA PELO RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO BRASIL**

**Estudante(s): Eduardo Vinicio Silva Cardoso (eduardo.vinicio@estudante.iftm.edu.br)**

**Orientador(es): Joana El-Jaick Andrade (joana.andrade@iftm.edu.br)**

**Escola: Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia**

## **Resumo**

Durante a década de 1980, a epidemia da Aids começou a assolar o Brasil, alastrando-se particularmente entre círculos sociais de homossexuais e trabalhadores do sexo. O desconhecimento sobre as causas e tratamentos da doença somaram-se ao preconceito e marginalização social destes grupos, prejudicando ainda mais a concepção e efetivação de políticas públicas destinadas ao atendimento das vítimas da doença. A pesquisa tem como objetivo analisar a criação, funcionamento e trajetória da "Casa de Apoio Brenda Lee" enquanto espaço de contrapoder e afirmação da cidadania, atuando como instituição contra hegemônica em um contexto de ampla exclusão e repressão da população LGBTQIA+ e de pacientes soropositivos. Estudaremos a iniciativa da Brenda Lee e os desafios que precisou enfrentar ao criar o "Palácio das Princesas" em um contexto de pânico moral, agravado pela epidemia de HIV/Aids. Buscamos compreender como o "Palácio" funcionou como uma instituição social de assistência a pessoas trans, bem como local de resistência na luta pelo reconhecimento dos direitos dessa população frente aos poderes públicos e aos meios de comunicação. A pesquisa objetiva mostrar como tal iniciativa tornou-se referência no cuidado aos portadores do HIV-Aids, sendo reconhecida nacional e internacionalmente, investigando igualmente as raízes históricas do preconceito contra identidades de gênero dissidentes no Brasil e como a travestifobia se estrutura a partir de um legado de moralidade religiosa, da patologização de corpos pela medicina e de uma ordem social patriarcal.

**Palavras-chave:** Brenda Lee, Travesti, AIDS, Casa de Apoio, Transfobia.

## **Introdução e justificativa**

Durante a década de 1980, a epidemia da Aids começou a assolar o Brasil, alastrando-se particularmente entre círculos sociais de homossexuais e trabalhadores do sexo. Neste sentido, o desconhecimento sobre as causas e tratamentos da doença somaram-se ao preconceito

e marginalização social destes grupos, prejudicando ainda mais a concepção e efetivação de políticas públicas destinados ao atendimento das vítimas da doença. O pânico disseminado nos meios de comunicação com a utilização de termos como “peste gay” ou “câncer gay” agravou a indiferença da opinião pública aos altos índices de mortalidade de homossexuais e travestis e a negligência dos governos em relação ao combate à disseminação do HIV. Nesta época foi criada uma experiência inovadora no tocante ao acolhimento e amparo de travestis e homossexuais soropositivos, levada à frente pela militante LGBT Brenda Lee. Brenda Lee nasceu com o nome de Cícero Caetano Leonardo, em Bodocó, Pernambuco, em 10 de janeiro de 1948. Aos 14 anos foi expulsa de casa e obrigada a migrar para São Paulo, se estabelecendo no bairro do Bexiga, onde era conhecida como “Caetana”. Brenda Lee passou a trabalhar como prostituta, um dos poucos trabalhos que pessoas trans e travestis conseguiam então.

O conservadorismo da sociedade e a repressão intensificados durante a Ditadura Militar tornava o exercício da prostituição uma prática extremamente perigosa e arriscada, tendo de enfrentar cotidianamente a violência e a brutalidade policial. Através da prostituição, contudo, Brenda conseguiu juntar algum dinheiro e adquirir um imóvel que mais tarde transformaria em pensão. Lá, passou a acolher jovens travestis expulsas de casa por suas famílias, discriminadas em razão de sua homossexualidade. Em 1985, após uma série de assassinatos de travestis na região da Avenida Indianópolis e na Chácara Flora, na Zona Sul de São Paulo, o número de travestis em busca de abrigo aumentou ainda mais. Seu imóvel era apelidado depreciativamente pela vizinhança de “Palácio das Bruxas”, sendo frequentemente alvo de ataques dos moradores locais. Como resposta a essa ofensa, Brenda decidiu renomear o local como “Palácio das Princesas”, transformando-o em um verdadeiro refúgio e símbolo de resistência e acolhimento para a comunidade travesti.

Ao longo da década de 1980, a pensão passou a acolher um grande número de travestis soropositivas que sofriam rejeição tanto por suas famílias como pelos serviços de saúde. A estigmatização era tamanha que eram marginalizadas, excluídas e abandonadas pelos próprios membros da comunidade LGBT, que receavam que qualquer contato pudesse levar ao contágio com a doença. Além de refúgio, o “Palácio das Princesas” oferecia medicamentos e cuidados a dezenas de travestis com HIV .

Aos poucos o trabalho de Brenda Lee ganhou visibilidade, tendo Brenda participado de programas de televisão, palestras e eventos em casas de shows, sendo apoiada por

celebridades como a apresentadora Hebe Camargo. Esta notoriedade levou à ampliação dos atendimentos. Assim, além de buscar auxílio de ONGs, Clube de Compras e doadores particulares, constituiu um convênio com o Hospital Emílio Ribas. Em 1988, a “Casa de Apoio Brenda Lee” se tornou quase uma extensão do Hospital Emílio Ribas e uma entidade fundamental para a rede estadual de saúde, no setor de Aids, contribuindo para a estruturação de uma rede de atendimento e conscientização pública no Estado de São Paulo e no país.

Em 1992 a Casa de Apoio Brenda Lee foi constituída formal e juridicamente – sua Ata de Fundação é registrada no 5º Ofício do Registro de Títulos e Documentos de São Paulo, sob o nº 12.864 – sendo Brenda considerada a Presidente vitalícia. Brenda dedicou sua vida a esse trabalho social pioneiro que quebrou tabus e ressaltou a importância da humanização de grupos minoritários discriminados. Infelizmente, sua vida foi interrompida em 28 de maio de 1996, quando Brenda foi encontrada morta em um terreno baldio na Capital paulistana. A missa de corpo presente de Brenda foi celebrada pelo padre Júlio Lancelotti, da Pastoral do Menor, que veio representando o Cardeal Arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns. Em seu sermão, o Padre Júlio declarou que "ela era uma pessoa especial e perdemos um símbolo da luta contra a Aids. ... [Precisa]mos nos apegar na beleza e na g[arra] de tudo que ela deixou para manter esta memória."

## **Objetivos**

A pesquisa teve como intuito estimular o estudo sobre a organização e ação de grupos e movimentos LGBTQIA+ na luta pela afirmação e reconhecimento de seus direitos, investigando atores sociais que propagaram ações coletivas baseadas em princípios de solidariedade, inclusão e respeito à diversidade, enfrentando a oposição da opinião pública e das instituições. Através do estudo de caso da militância social de Brenda Lee, uma travesti pioneira no acolhimento de pessoas com HIV e Aids e da fundação da primeira casa de apoio para acolhimento no país e na América Latina, pudemos refletir sobre as transformações históricas e sociais das últimas décadas, bem como os avanços e retrocessos quanto à conquista de direitos para a população LGBT, especialmente para as frações mais discriminadas desta comunidade como as travestis. Ressaltamos como em um contexto marcado por mortes crescentes causadas pela epidemia de Aids, Brenda conseguiu colocar em prática um ativismo dedicado à assistência solidária e ao acesso à saúde direcionados àqueles que eram tratados

como párias da sociedade, afastados do convívio social, da fruição de espaços públicos e do acesso aos cuidados básicos – seja moradia, medicamentos, alimentação e apoio psicológico e afetivo. Destacamos, assim, a importância do tratamento humanizado e afetivo para o resgate da dignidade e do respeito à pessoa humana, indispensáveis à cidadania.

## **Metodologia**

Utilizamos como referencial teórico os estudos desenvolvidos no Brasil e no exterior sobre a história dos direitos da população LGBT e da organização de movimentos sociais e grupos políticos de luta contra a discriminação sexual e de gênero. Autores como Judith Butler (“Gender trouble”, 1990), Michel Foucault (“História da sexualidade”, 1976), Guacira Lopes Louro (“Gênero, sexualidade e educação”, Eve Kosofsky Sedgwick (“Epistemology of the Closet”) e Paul Preciado (“Manifesto Contrassexual”) são fundamentais para esta discussão teórica. Também recorreremos à literatura disponível sobre a “Casa de Apoio Brenda Lee” e outras iniciativas similares implementadas no Brasil a partir de então. As obras de Renato Dehring (“Brenda Lee: a luta e representatividade das mulheres trans no Brasil”) e José Silverio Trevisan (“Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”) também nos ajudaram nesse sentido.

Além da pesquisa bibliográfica que envolveu autores que contribuem para a teoria queer e de estudos de gênero, buscamos informações em jornais e revistas que tenham abordado o tema ou referenciado a Casa de Apoio Brenda Lee. O estudo do material jornalístico nos auxiliou a entender a visão da opinião pública na época de sua criação e sua eventual mudança ao longo das décadas. Através de uma pesquisa legislativa, relacionamos as leis que afetam a população LGBTQIA+ no Brasil, desde seu viés repressivo até a mudança em favor de uma abordagem protetiva. Além disso, coletamos dados apresentados por instituições públicas e ONGs sobre a violência direcionada à população LGBT e ao atendimento de pessoas soropositivas. Também analisamos o filme documentário produzido em 1988, dirigido por Pierre-Alain Meier e Matthias Kälin, abordando a vida de Brenda Lee e mais outras quatro travestis - Thelma Lipp, Condessa da Nostromundo, Andréia de Maio e Claudia Wonder – intitulado “Chama-se Dores de Amor”.

## **Resultados e Discussão**

A partir da pesquisa analisamos o impacto das lutas e ações coletivas dos grupos minoritários na transformação de nossa sociedade. O estudo do caso concreto da “Casa de Apoio Brenda Lee” poderá servir de exemplo e inspiração para outros projetos sociais de atendimento a grupos vulneráveis e combate à homofobia e à transfobia. Almejamos trazer à tona a discussão acerca da invisibilidade de grupos marginalizados como travestis, alvos de intensa repreensão moral, discriminação e violência. Pretendemos explorar a importância de iniciativas como a de Brenda Lee para a difusão de ideias contra hegemônicas de respeito às populações LGBT demonstrando que a Casa não foi apenas um abrigo, mas uma resposta política a uma exclusão secular. Por fim, revelamos o impacto do trabalho de Brenda Lee na formação de uma rede de atendimento e na promoção da conscientização pública de acesso à saúde e cuidado às pessoas com HIV/Aids, tanto em São Paulo quanto em todo o Brasil.

## **Conclusões**

Durante mais de uma década, Brenda desenvolveu um importante trabalho social que inspirou milhares de pessoas e transformou as políticas públicas no Brasil relacionadas à AIDS e à população LGBT. Por esta razão, Brenda Lee é celebrada como um ícone que abriu novas portas para a comunidade LGBTQI+ e que transformou a vida de muitos.

Entre as iniciativas que celebram sua memória, destaca-se o Cursinho Popular TransFormando – Unidade Brenda Lee, localizado na zona leste de São Paulo, que tem como foco a comunidade LGBTQI+, especialmente a população trans, o Prêmio Brenda Lee - criado em 2008 que é concedido a cada cinco anos durante as celebrações do Dia Mundial de Combate à Aids e do aniversário do Programa Estadual DST/AIDS do Estado de São Paulo –, além do musical “Brenda Lee e o Palácio das Princesas” que estreou em 2022, recebendo aclamação tanto do público quanto da crítica. A peça conquistou o prêmio da APCA de melhor espetáculo, e a protagonista Verónica Valentino fez história ao se tornar a primeira travesti a ganhar os prêmios Bibi Ferreira de atriz revelação e Shell de melhor atriz.

Deste modo, a memória e o legado de Brenda Lee continuam inspirando gerações que lutam pela afirmação dos direitos humanos, contra o preconceito, pelo acolhimento e celebração da diversidade e a proteção de pessoas trans marginalizadas e de todos aqueles que vivem com HIV/Aids.

## Referências

- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRASIL. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil**. Secretaria de Direitos Humanos, 2012.
- BRASIL. **Resolução nº 12 do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCND/LGBT)**. 2015.
- BRASIL. **Decisão do STF sobre a criminalização da homofobia (ADOs 26 e 26/DF)**. 2019.
- CARRARA, Sérgio. **Tempos de AIDS: O impacto da AIDS sobre a organização da vida sexual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DERING, Renato. **Brenda Lee: a luta e representatividade das mulheres trans no Brasil**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas V.15, N.1, 2021.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: Identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume, 2009.
- SILVA, José Fernando Siqueira da. **Direitos LGBT no Brasil: Cidadania e homossexualidade no pensamento jurídico**. Dissertação (Mestrado em Direito) – UFPR, 2013.
- SOARES, M.V.B.; FORSTER, A.C.; SANTOS, M.A. **Caracterização das Casas de Apoio a portadores de HIV/Aids em Ribeirão Preto (São Paulo, Brasil) e suas práticas de administração**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.12, n.24, p.169-80, jan./mar. 2008.
- SOUZA, Cristiane Prudêncio. **Brenda Lee: ‘anjo da guarda das travestis’ no auge da AIDS**. Disponível em < <https://www.politize.com.br/brenda-lee/> > . Acesso em maio de 2025.
- TREVISAN, José Silverio. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.



VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Orgs.). **Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil.**”  
São Paulo: Perseu Abramo, 2011.